



Colin Rowe. Parkway.

2.2. COLIN ROWE

“Senão absolutamente traumática, a desapareção efetiva da *res publica* é no mínimo incômoda; e certamente não há lugar no mundo onde a presença desta ausência seja mais agudamente sentida que em Berlim ocidental.”¹⁴⁷

A inclusão de Colin Rowe neste estudo está relacionada sobretudo a sua influência no plano conceitual da IBA, do que propriamente nos resultados obtidos. Rowe participou nesta Exposição como um dos sete “expertos” convidados por Kleihues no chamado “IBA-Hearing”, um total de doze encontros ocorridos entre 1981 e 1984, cujo objetivo era emitir pareceres acerca das principais áreas de intervenção.¹⁴⁸ Ainda que este episódio tenha servido para ilustrar mais claramente o posicionamento de Rowe em relação à problemática urbana de Berlim, também julgamos importante fazer uma revisão paralela de determinados pressupostos diretores da IBA à luz de alguns de seus escritos – mais especificamente *Collage City* – os quais certamente estiveram presentes no processo idealizador desta Exposição, e particularmente refletidos no projeto de James Stirling para o Centro de Ciências.

As observações de Rowe como membro do “IBA-Hearing” diziam respeito não só as questões privilegiadas pela organização da IBA, mas também à problemática urbana geral de Berlim, versando basicamente sobre a reestruturação viária e espacial de trechos cruciais da cidade. Partindo de sugestões de caráter quase pitoresco, como a hierarquização no desenho de ruas e trechos urbanos, Rowe vai mais além e reabre a discussão sobre o *Zentraler Bereich* (área central) insistindo na necessidade de se prever o planejamento de Berlim, futuramente unificada ou não, a partir de um centro estruturador e da implementação efetiva de um eixo viário norte-sul.¹⁴⁹ Estas soluções porém, à parte de constituir uma melhoria no “funcionamento” da cidade, são vistas por Rowe como uma forma de imprimir a Berlim oeste o *status urbano* que lhe faltava. E por *status urbano* entenda-se a recuperação de uma esfera pública construída, e claramente definida.

¹⁴⁷ ROWE, Colin. IBA: Rowe Reflects. *The Architectural Review*, set, 1984. p.92.

¹⁴⁸ A comissão “IBA-Hearing” era composta por Colin Rowe, Max Bacher (Darmstadt), Jaap Engel (Amsterdam), Manfred Gerhmann (Berlin), Vittorio Gregotti, Edward Jahn (Berlin), Egbert Kossack (Hamburgo).

¹⁴⁹ Sobre o tema do *Zentraler Bereich* ver nota 194.

Mehringplatz – Friedrichstadt



Mapa de Friedrichstadt em 1888. Ao sul, formação original da Belle-Alliance-Platz (hoje Mehringplatz), conectada diretamente à Wilhelmstrasse, Friedrichstrasse e Lindenstrasse.



Vista da
Mehringplatz antes da Segunda Guerra



Vista em 1983, modificada a partir do projeto de Werner Düttmann (1969-73)

2.2.1. FRIEDRICHSTADT SUL

A área de Friedrichstadt sul é particularmente apontada por Rowe por seu aspecto fragmentado, encontrando-se por ocasião da IBA privada de suas características urbanas que a destacavam como um dos centros vitais de Berlim. A ocupação deste distrito data de finais do século XVIII, quando foi planejado com o intuito de relocar parte da população que superpovoava o centro de Berlim para esta zona até então periférica da cidade. O partido adotado singularizou-se por sua concepção barroca, onde três vias principais de acesso – Wilhelmstrasse, Friedrichstrasse e Lindenstrasse – conjugadas em forma de tridente, desembocavam em uma praça circular principal – Belle-Alliance Platz, hoje Mehringplatz.¹⁵⁰

Com o final da guerra, Friedrichstadt sul estava quase totalmente destruído, restando poucos edifícios residenciais e algumas de suas construções mais célebres: o antigo Kollegienhaus, hoje Berlin Museum, e o portal da Anhalter Bahnhof. Com a divisão da cidade em seu centro, esta zona tornou-se periférica e a previsão de novas instalações de comércio e residenciais agora se direcionavam a outras partes da cidade. Esta situação se viu acentuada com a construção do Muro em 1961, quando todas as tentativas de realizar um plano diretor global para a cidade foram deixados de lado. Os planos dos anos 50 e 60 apenas previam para esta área uma mudança na infra-estrutura viária, tal como ocorreu com o núcleo barroco originário, a Mehringplatz, que através de uma intervenção baseada no projeto de Hans Scharoun teve o seu desenho alterado. A nova ordenação do tráfego desconectou-a de suas três ruas principais, e a construção de edifícios de maior altura ao seu redor contribuiu para o isolamento e descaracterização desta praça. Desta forma, o que um dia tinha sido uma composição hierarquicamente estruturada, encontrava-se por ocasião da IBA amputada ao norte pelo Muro - cortando ao meio a Friedrichstrasse - e ao sul por construções do pós-guerra - isolando com edifícios circundantes a praça que atuava como centro nevrálgico de todo um distrito.

¹⁵⁰ Constituinte do núcleo de Friedrichstadt, a ocupação destas três ruas se deu de forma maciça, configurando um contínuo bloco edificado. Para cada quatro famílias residentes no centro da cidade, uma era transferida para este novo bairro, onde gradualmente foram sendo construídas residências mais luxuosas para as famílias nobres da cidade. Em finais do século XIX, este distrito contava com um grande número de instalações comerciais e de serviços, e também com uma maior diversificação no projeto das residências. As casas de dois pavimentos foram substituídas por construções de maior altura, o antigo alinhamento rígido das fachadas deu lugar a arranjos mais livres, com diferentes aproveitamentos dos terrenos. Em princípios do século, Friedrichstadt Sul se caracterizava por sua vitalidade intensa, abrigando edifícios dedicados a fins culturais, comércio, indústria e administração pública. Também durante o Terceiro Reich este setor continuou centralizando as principais edificações e acontecimentos da cidade, tendo sido aí construídos o ministério da aeronáutica e o quartel general de Hitler, e transformados os usos de outros prédios existentes, como a instalação da sede da Gestapo no antigo Prinz-Albrecht Palais (palácio construído no século XVIII, renovado por Schinckel em 1830-32) e da SS no antigo hotel Prinz-Albrecht, ambos danificados pela guerra, e posteriormente demolidos pelo governo ocidental.

Tal situação constituiu um dos focos de atenção da perícia de Rowe. A Friedrichstrasse, agora desprovida de sua continuação até o cruzamento com a Unter den Linden, deveria apresentar uma solução alternativa para restituir alguma classe de convergência urbana para esta área. Tal como havia sugerido anteriormente Rob Krier, a criação de uma via de pedestres entre a Mehringplatz e a Kochstrasse, e o desenho de uma pequena praça no cruzamento desta nova via com a Friedrichstrasse seriam a seu ver, um recurso válido. Também a Kochstrasse, no seu limite oeste com o antigo terreno do Prinz-Albrecht Palais, é para o autor, objeto de especial consideração. Apesar das polêmicas que o destino deste sítio suscitava, Rowe era partidário de uma discreta intervenção no lugar, ao contrário da opinião bastante compartilhada de se deixar o local intocado tal como estava, fadado ao esquecimento. Sua idéia era fornecer à Kochstrasse uma entrada mais digna, como alternativa a sua constante associação ao Checkpoint Charlie, ao mesmo tempo que se criaria um monumento para a área do Prinz-Albrecht Palais, que a seu ver serviria tanto como um elemento de lembrança como de esquecimento. Fazendo reverência à solução privilegiada com a construção do Muro de 1730¹⁵¹ em que as antigas entradas da cidade eram sempre ressaltadas, Rowe propõe dotar a Kochstrasse com uma pequena praça no seu atual início junto à Wilhelmstrasse, e um caminho guiado por um contínuo enfileiramento de árvores ao longo do polêmico terreno, conectando-a à Stressemannstrasse em algum ponto, ou mesmo estendendo-a até a Potsdamerstrasse.

No setor do Kulturforum, Rowe rende-se à idéia inicial de Scharoun para a área de funcionar como a versão ocidental do *Museuminsel*, defendendo a sua conclusão e o desvio do intenso fluxo de tráfego que separa transversalmente a Biblioteca da Galeria Nacional e da Filarmônica. Também a questão do intenso fluxo de tráfego é um fator que a seu ver priva o Landwehrkanal de seu potencial urbano, já que este oferece ao longo de seu curso distintas surpresas que deveriam ser melhor ressaltadas através de alguns acessos mais individualizados na maior parte de seus trechos, a serem destinados sobretudo à locais de contemplação e recreação. Em um plano futuro, Rowe também vê a necessidade de projetar uma entrada à Leipzigerstrasse, algum elemento que atuasse como um portal no caso da retirada do Muro, e que constituísse um marco simbólico para o lado ocidental equivalente ao Portão de Brandemburgo.

Em relação à recuperação de um traçado viário norte-sul, Rowe propõe a criação de um *parkway*, um recurso intermediário entre o bulevar urbano e as avenidas de tráfego expresso, uma via de velocidade controlada, inserida em uma grande área verde urbana ao longo da qual se pudesse apreciar o perfil da cidade. Para tal, os

¹⁵¹ Ver nota 174.

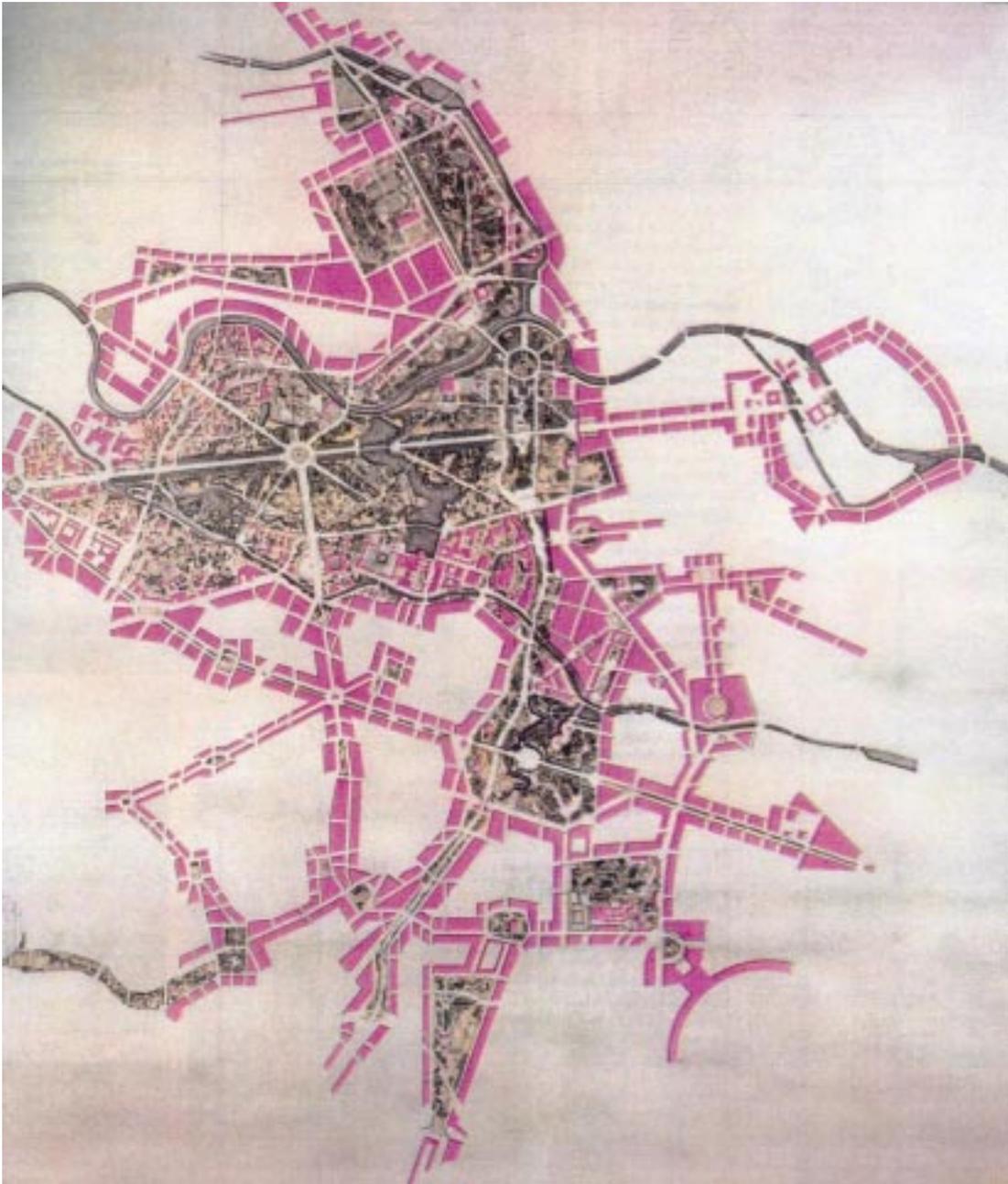
terrenos das antigas estações de Potsdamer e Anhalter deveriam ser conjugados com parte de um outro trecho ferroviário adjacente, para conformar um grande parque que funcionaria como uma entrada para a cidade, e pelo qual esta nova via deveria passar. Dito parque atuaria também como o pulmão deste trecho da cidade que apresentava-se densamente construído, compondo juntamente com o Tiergarten, uma espécie de corredor verde. No trecho da Potsdamer Platz esta via passaria por um corredor edificado, limitado por um lado pelo novo portão previsto para a entrada da Leipzigerstrasse, e por outro, pela extensão prevista para o Kulturforum. No trecho que corta o Tiergarten esta teria seu percurso excavado, se aproximando ao Reichstag através de uma nova praça que restituiria ao lugar seu tradicional destaque urbano. Possivelmente este *parkway* seguiria pela cidade em direção ao distrito de Tegel.¹⁵²

Metáforas Urbanas

Especial atenção deve ser dada às referências compositivas que Rowe recorre em cada uma das propostas para o setor de Friedrichstadt sul, inspirando seu discurso em soluções urbanas já consagradas. As três artérias principais desta área antes conectadas com a Mehringplatz – Wilhelmstrasse, Friedrichstrasse, Lindenstrasse – são equiparadas à três vias romanas que compõem a Piazza del Popolo – Via del Balbuino, Via del Corso e Via di Ripetta – porém a equivalente à Via dei Condotti não é encontrada na Kochstrasse, razão que incita o autor a reclamar uma nova solução. Ao propor uma entrada mais destacada para esta rua, Rowe acredita estar sendo fiel às soluções hipoteticamente adotáveis por K.F. Schinckel e Peter Joseph Lenné em relação a este problema. A idéia do *parkway*, por sua vez, é emprestada de exemplos similares como a Fenway de Boston, a Riverside de Nova York e o Memorial Drive de Houston, idéia esta originada no século XIX como um percurso destinado às carruagens, e que tem seu equivalente mais antigo encontrado em Florença no caminho que conduzia a Piazzale Michelangelo através da Porta Romana. Para compor este almejado *parkway*, em seu trecho inserido no parque, Rowe remete-se aos Nash Terraces em Londres e sua relação

¹⁵² A idéia de criar um eixo norte-sul objetivava também complementar o eixo leste-oeste já existente, e cortado pelo Muro por ocasião da IBA, composto pela Unter den Linden e pela avenida 17 de Juny, seguindo em sentido oeste. A proposta de Rowe é posteriormente formalizada através do projeto de tese de seu aluno Raul de Carvalho. Cfr. ROWE, Colin. Zentraler Bereich. *The Architectural Review*, set, 1984; e Comments on the IBA proposals. *Architectural Design*, n.1/2, 1983.

Colin Rowe – Zentraler Bereich



Projeto realizado por Colin Rowe com Raul de Carvalho para o “corredor-verde” norte-sul na área central (Zentraler Bereich) de Berlim. O parque ao sul denominado *Volksgarten* funcionaria como um prolongamento pitoresco do Landwehrkanal. O trecho ao norte do Tiergarten abrigaria instalações esportivas, e a parte sul teria o lago aumentado de forma a identificar claramente o limite norte do Kulturforum. O estreitamento entre o Tiergarten e o setor de Friedrichstadt sul deveria ser cercado por um enfileiramento de edifícios, ao mesmo tempo que deveria ser projetada uma entrada de destaque para a Leipzigerstrasse através do portão de Potsdamer. Para os autores, tal proposta dotaria Berlim não só de um sistema integrado de parques, como também forneceria uma solução, inúmeras vezes adiada, para o eixo norte-sul.

com o Regent's Park. A parte excavada desta nova via se assemelharia as soluções adotadas em Nova York para as ruas transversais ao Central Park.¹⁵³

Associada a estas observações, Rowe lança algumas questões relacionadas ao caso particular da IBA. Em primeiro lugar, indaga a validade do retorno indiscriminado ao quarteirão perimetral, recurso este que a seu ver mostra-se demasiado estático, já que Berlim, a diferença de Londres, Roma ou Paris possui quarteirões muito extensos, principalmente no setor de Friedrichstadt. Desta forma, a chamada *res publica* estaria aqui destinada a sobreviver apenas através da experiência de caminhar por intermináveis ruas, que aliada à prioridade dada pela IBA às construções de caráter residencial, estariam fadadas à monotonia de seu percurso regular. Com isto, Rowe chega ao ponto chave de seu discurso, ao constatar que nenhuma cidade pode se fazer realidade unicamente a base de vivenda social, e que Berlim oeste, tal como estava prevista pela IBA se mostrava **a-espacial**, não apresentando nenhum equipamento público significativo (a exceção da reforma prevista para o Kulturforum) e nenhum recurso urbano diferenciado que pudesse gerar uma convergência da população, identidade local e noções de Estado. Como já havia proposto, o lado ocidental carecia de um marco similar ao Portão de Brandemburgo e de estruturas equivalentes a certos edifícios e espaços públicos localizados no lado oriental.¹⁵⁴ Em relação ao problema dos quarteirões perimetrais, Rowe sugere que esta solução seja desmembrada em trechos menores, alternando-os com praças e bulevares, ao mesmo tempo que se buscaria um maior aproveitamento aos pátios internos, tornando-os acessíveis desde a rua e convertendo-os em mais uma opção de trajeto para os pedestres.¹⁵⁵

¹⁵³ Cfr. ROWE, Colin. Comments on the IBA proposals. Op.cit.

¹⁵⁴ Cfr. ROWE, Colin; INGERSOLL, Richard. Interview (1989). Em: **As I was saying. Recollection and Miscellaneous Essays**. Vol. 3, Cambridge:MIT Press, 1996.

¹⁵⁵ Neste ponto podemos notar uma identificação de Rowe com o posicionamento dos irmãos Krier, seja na defesa de um "urbanismo miniatura" no caso dos pequenos quarteirões ou na tentativa de imprimir um caráter memorável a cada composição. Sobre o tema ver ROWE, Colin. The Revolt of the Senses. ROWE, Colin. **As I was saying. Recollection and Miscellaneous Essays**. Ibid.

2.2.2. O ESPAÇO URBANO COMO MEDIADOR

O pensamento de Rowe, ainda que posteriormente banalizado na prática de outros arquitetos pela versão mais simplificada do *collage*, é fruto de um refinado discurso em que a composição arquitetônica é resultante de um variado jogo de tensões que partem não apenas de questões formais. Seu argumento crítico centra-se na inadequação da arquitetura em responder aos critérios considerados como sustentadores do projeto arquitetônico moderno do século XX, mais precisamente na incapacidade destas mesmas propostas de gerarem um contexto urbano satisfatório e coerente com a época em questão. A requalificação da *res publica* converte-se assim no eixo de sua teorização.¹⁵⁶ Suas inquietudes se originam a partir dos estragos causados pela Arquitetura Moderna, e as consequências urbanas de sua prática unitária e homogeneizadora, onde o domínio público é praticamente abolido em vista da exaltação do domínio privado. Em linguagem “roweniana” corresponderiam à *object fixation* – estimação obsessiva do sólido construído – e *stradaphobia* – subestimação obsessiva de qualquer vazio linear e construído.¹⁵⁷ Para ele, a **ciência** como *modus operandi* idealizou a arquitetura e as cidades, nas quais a feição humanista que supostamente deveria ser privilegiada, foi sacrificada em nome de um rigor puramente operacional. As noções de **progresso** e **utopia**, também foram tratadas equivocadamente, convertendo a arquitetura em uma possível redentora dos males da sociedade, e a figura do arquiteto como condutor deste processo emancipatório. Também o **determinismo histórico**, que conferia à arquitetura moderna um nascimento *in vitro*, livre de qualquer passado comprometedor, imprimiu uma sensação de eterna juventude e uma total falta de compromisso com o já construído.

Rechaçando qualquer tentativa relacionada ao planejamento em larga escala, e ao determinismo funcional da arquitetura,¹⁵⁸ Rowe propõe o fim de um discurso

¹⁵⁶ O termo *res publica* é visto por Rowe como “aquela esfera pública que antes relacionava e separava tanto a objetos como a indivíduos, que simultaneamente estabelecia uma comunidade e ilustrava a identidade” Em: IBA: Rowe Reflects. Op.cit. p.92.

¹⁵⁷ Cfr. ROWE, Colin. The present urban predicament (1979). Em: **As I was saying. Recollection and Miscellaneous Essays**. Op.cit.

¹⁵⁸ Aqui Rowe identifica-se com a linha do humanismo cultural que entende as artes – incluída a arquitetura – como *reflexo* e não como fator determinante das contradições que caracterizam a existência humana. Sobre o tema ver. ELLIS, William. Type and Context in Urbanism: Colin Rowe’s Contextualism. *Oppositions*, n.18, 1979. A questão do humanismo no trabalho de Rowe já se faz presente em seu texto “The mathematics of the ideal villa” publicado em *Architectural Review*, 1947 (versão castelhana em: **Manierismo, arquitetura moderna y otros ensayos**. Barcelona:Gustavo Gili, 1978), onde compartilha das idéias de Rudolf Wittkower em sua análise formal de diferentes projetos. Rowe, entretanto, utiliza dito mecanismo para ir mais além, buscando um componente atemporal, baseado nas proporções matemáticas, que permita a obra de arquitetura extrapolar de qualquer determinismo externo a suas próprias leis formais. Tal propósito é confirmado no prólogo de *Five Architects* onde verifica que a forma da arquitetura moderna pode ser distintamente inflexionada ainda que esta esteja dissociada de sua ideologia originária. Este rigor analítico é transformado em *Collage City* dando margem

totalitário para as questões urbanas, e uma revalorização das **relações entre objetos** e da **estrutura** que os contém, em detrimento do objeto individual em si.¹⁵⁹ A sua atenção é direcionada para a busca de uma estrutura urbana desejável. Para tal, sugere uma “des-ilusão construtiva”, apelando para a liberação dos postulados que limitam a disciplina da arquitetura à uma espécie de camisa-de-força. Assim, nosso tempo estaria destinado a abrigar as mais diversas correntes ideológicas e gostos particulares, em um equilíbrio decorrente de várias tensões simultâneas, posto que a ordem e a constância não são características inerentes à natureza humana. Sua proposta estabelece um caminho intermediário entre **utopia** e **tradição**, entre **modelo ideal** e **contexto existente**.¹⁶⁰

Fragmentos de Utopia

Embora ataque fortemente o culto a qualquer utopia, Rowe admite ser esta uma condição necessária, inclusive para o pensamento acerca das cidades.¹⁶¹ Para tal, baseia seu argumento nas teorias de Karl Popper¹⁶² nas quais qualquer visão planificada e hermeticamente fechada torna-se bastante perigosa, pois não admite a diversidade nem tampouco o caráter fragmentário e cambiante de qualquer processo histórico, e da própria evolução do conhecimento científico¹⁶³. Assim como a evolução do conhecimento científico se daria a partir da falseamento de novas descobertas, ou seja, o constante choque entre o novo e o previamente existente de modo a atestar sua aplicabilidade e eficácia, também o pensamento urbano deveria seguir esta lógica. Aplicando tais idéias sobre as cidades, Rowe se apóia em **fragmentos de utopia**, os quais traduziriam a acumulação de certezas históricas, de elementos dispersos ao longo da história. Sua proposta apela para o

a um sistema mais aberto de transposição formal, relacionado agora a uma conjugação de distintos arranjos morfológicos historicamente consagrados.

¹⁵⁹ A arquitetura produzida como objeto - *object fixation* – vem a ser uma das limitações físicas do discurso da arquitetura moderna, e sua anunciada falência. Segundo Rowe, tal fator revela a ausência de qualquer preocupação espacial nos temas urbanos, uma “timidez espacial” que relegou o “vazio entre objetos” a uma existência meramente residual. Cfr. ROWE, Colin. *The present urban predicament*. Op.cit.

¹⁶⁰ Neste particular, a necessidade de se encontrar um caminho conciliatório compreende também a aceitação dos modelos da arquitetura moderna – “a cidade na paisagem” - e a conjugação destes com as estruturas da cidade tradicional – “uma massa sólida de edifícios com espaços escavados” - já que ambos representam importantes testemunhos de diferentes épocas.

¹⁶¹ A atenção de Rowe se remete neste ponto a inequívoca relação entre a cidade ideal renascentista e seu caráter utópico, que por sua vez encontra raízes já nos escritos de Platão. Neste caso, a cidade renascentista ocupa lugar frente à sua antecedente medieval, representando um apelo humanista, baseado na ordem da natureza e da geometria pura, em um período de inigualável fertilidade no campo da arquitetura. O tema da utopia é retomado posteriormente em *Collage City*. Cfr. ROWE, Colin. *La arquitectura de la utopia* (1959). Em: **Manierismo, arquitectura moderna y otros ensayos**. Op.cit.

¹⁶² Uma das primeira referências de Rowe ao pensamento popperiano é feita em seu texto de 1959, “La arquitectura de la utopia”. Ibid.

¹⁶³ Cfr. LAKATOS, Imre. *O falseamento e a metodologia dos programas de pesquisa científica* (1965). Em: LAKATOS, Imre; MUSGRAVE, Alan. (Orgs.) **A crítica e o desenvolvimento do conhecimento**. São Paulo: Cultrix, 1979.

caráter fragmentário e contraditório que a cidade contemporânea deveria refletir, no qual o resgate de estruturas historicamente consolidadas poderiam ser conjugadas com certas virtudes almeçadas pela cidade moderna.

Sob esta ótica, Rowe estabelece as relações que esta cidade deveria contemplar. Em suas palavras: “uma espécie de dialética sólido-vazio capaz de permitir a existência conjunta do abertamente planejado, da peça preestabelecida e do acidente, do público e do privado, do Estado e do indivíduo. Uma condição de equilíbrio em estado de alerta.”¹⁶⁴ Para lograr tal resultado, e considerando as virtudes da utopia e da tradição, o autor defende o método compositivo do *collage*, no qual os fragmentos de uma estrutura urbana desejável deveriam ser conjugados, confrontados ou simplesmente agregados uns aos outros. Desta forma, Rowe julga tratar coerentemente o problema da utopia, utilizando-a em pedaços, sem aceitá-la na sua totalidade, apenas como metáfora, concedendo-a também as vantagens proporcionadas pelo câmbio, pelo movimento, pela ação e pela história. Ademais, a utopia, utilizada somente como imagem, seria um modo de crer apenas parcialmente em suas verdades, sem o rigor e o perigo que a fé absoluta nelas poderia supor.¹⁶⁵

¹⁶⁴ ROWE, Colin; KOETTER, Fred. **Collage City**. Cambridge: MIT Press, 1978 (versão castelhana: **Ciudad Collage**. Barcelona: Gustavo Gili, 1981. p.86)

¹⁶⁵ Tal posicionamento é levado ao extremo em seu projeto para Roma Interrota (1977), em que estruturas aparentemente díspares desde o Teatro Romano, passando pelos jardins italianos, Rockfeller Center, até o templo Egípcio são conjugadas indiscriminadamente dentro do Plano Nolli de 1748. O projeto é acompanhado por um texto declaradamente imaginário, o que contribui para duvidar da aplicabilidade literal de suas idéias, e constatar as inflexões extremas que o *collage* pode proporcionar. Cfr. Roma Interrota (1977). Em: **As I was saying. Recollection and Miscellaneous Essays**. Op.cit.

As propostas de Rowe derivadas de sua crítica ao Movimento Moderno foram idéias que claramente estiveram presentes nos pressupostos teóricos da IBA, coincidindo em questões pontuais com as formulações de Kleihues. Entre elas destacamos a aceitação da condição fragmentada e pluralista do pensamento arquitetônico da época, e a tentativa de exteriorizar – através de uma “conjugação de opostos” – o estado do debate através dos variados projetos e encargos. Também a arquitetura deveria reconciliar-se com a cidade existente, atendendo às solicitações reais de Berlim, longe de qualquer modelo idealizado. Com isto, o trabalho do arquiteto deixaria de ter uma conotação profética, para atuar em decisões coletivas.¹⁶⁶ Por fim, ainda que a cidade do quarteirão perimetral estivesse longe de ser a melhor das soluções, esta apresentava uma maior coerência que a cidade da *zeilenbau*, já que apontava um caminho intermediário entre tradição e inovação.

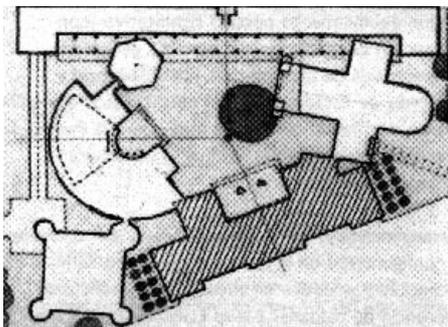
No caso de suas propostas para a problemática específica de Berlim, Rowe segue fielmente suas convicções cristalizadas em *Collage City*, situando o eixo das suas observações para a busca de uma estrutura urbana desejável. Neste propósito, ainda que dispersas em considerações pontuais, a questão mais uma vez recai na requalificação da esfera pública, que para Rowe passa necessariamente por dotar a cidade de estruturas e marcos simbólicos que imprimissem tanto uma identidade cidadã, como uma clara noção de Estado. Para tal, apela a um repertório formal disperso em distintas soluções espaciais já consolidadas (e aclamadas) provenientes de diferentes contextos e épocas, mas que nem por isto deixam de ser válidas. Ao contrário, estas soluções, retiradas aleatoriamente do tempo e do espaço, vem confirmar a necessidade de uma reconsideração da arquitetura à luz de seu próprio repertório, que disfarçado de distintos fragmentos de utopia, constituem um vocabulário formal e figurativo do que uma vez foram verdades arquitetônicas.¹⁶⁷

A prescrição do mecanismo do *collage* como solução para conjugar distintas “metáforas de utopia” encontra nos exemplos de Roma e na Vila de Adriano o ideal

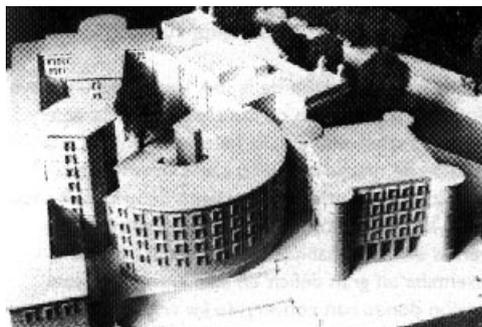
¹⁶⁶ “A IBA abandonou o alto pedestal no qual os promotores de exposições costumavam situar-se, optando por mesclar-se na cidade existente em toda sua densidade empírica. Esta decisão lúcida e consciente deve ser enfatizada porque quase sempre parece não ser observada.” ROWE, Colin. Comments on the IBA proposals. Op.cit. p.126.

¹⁶⁷ Também em relação a este aspecto, Rowe sugere a reconsideração da idéia de “cidade-museu” como mecanismo para tratar a simultaneidade das distintas concepções arquitetônicas que compõem a cidade contemporânea. Um conceito não estático como parece denotar, mas destinado a relacionar variados aspectos urbanos aparentemente díspares. Cfr. ROWE, Colin; KOETTER, Fred. Op.cit. pgs.125-126

James Stirling – Centro de Ciências



Planta



Maquete



Acima, vistas desde o exterior e do pátio interno. Ao lado, vista aérea com a *Nationalgalerie* no lado direito

urbano de Rowe, a alternativa construída para substituir a cidade do desenho total. Também as composições cubistas são por ele reverenciadas como uma classe de organização espacial conciliatória, nas quais não se observa a preponderância de objetos por sobre a malha em que estes se inserem, e a sua vez, compõem. Aliado a estes referenciais, Rowe resgata também o recurso compositivo do *poché* - entendido como o elemento articulador de distintos espaços em um edifício - que para o autor poderia ser aplicado a escala urbana como o edifício capaz de organizar os espaços adjacentes. Em suas palavras: “Parece ser que a utilidade geral do *poché*, em um sentido reanimado e revisado, procede da sua capacidade, como sólido, de ocupar vazios (ou ser ocupado por estes), de atuar ao mesmo tempo como figura e fundo, segundo as circunstâncias requeridas.”¹⁶⁸ Deste modo, a questão da utopia como metáfora tem sua concreção sugerida pelo autor através de um desdobramento essencialmente formalista, que ao utilizar-se de um mecanismo de ajustes e equilíbrios entre sólidos e vazios, entre estruturas consagradas e o contexto existente, vem a recompor o “vazio não-construído” da cidade moderna, restaurando assim a almejada *res publica* através uma nova sintaxe urbana e dentro de um enfoque pluralista de significados.¹⁶⁹

Ainda que a IBA não tenha logrado materializar literalmente as teorias de Rowe, a sua proposição de *collage* urbano pode ser encontrada em um projeto isolado. Trata-se do Centro de Ciências – *Wissenschaftszentrum* - de James Stirling no Kulturforum, situado muito próximo à *Neue Nationalgalerie* e ao *Landwehrkanal*.¹⁷⁰

Neste projeto, Stirling deveria prever um grande número de pequenas oficinas individuais, além espaços coletivos como salas de conferências, de secretárias, diretores e parte administrativa. Para evitar a composição “racional” mais banalizada deste tipo de programa – que seria o enfileiramento de inúmeras salas dentro de uma grande caixa – Stirling opta por uma composição fragmentada em 4 prédios conectados entre si por todos andares, que abrigariam os três principais departamentos do Centro de Ciências, além de um edifício para futura expansão. A composição se desenvolve em torno a um jardim central, em que os prédios se articulam em diferentes formas, correspondendo em planta a diferentes tipos

¹⁶⁸ Cfr. *Ibid.*, p.80

¹⁶⁹ Rowe confirma assim os métodos de desenho privilegiados nos anos 60 e 70 pelo *Urban Design Studio* da Universidade de Cornell: análise figura-fundo, tipologias espaciais urbanas e referências históricas em distintas malhas urbanas colidentes. Seus projetos *Buffalo Waterfront* (1964), *Harlem* (1966) e *Lower East Side* (1967) são já ensaios de seu método compositivo consolidado em *Collage City*, em que estruturas aparentemente dissociadas de qualquer característica comum são confrontadas e dotadas de elementos referenciais de maior identidade urbana.

¹⁷⁰ O *Wissenschaftszentrum* é repetidas vezes aclamado por Rowe como exemplo de cidade em miniatura. Sobre o tema ver: ROWE, Colin. James Stirling: a highly personal and very disjointed memoir. Em: ARNELL, Peter; BICKFORD, Ted. (Edits.) **James Stirling. Buildings and Projects**. New York: Rizzoli, 1984; e Las cenizas del genio. *A&V monografias*, n.42, jul/ago, 1993.

históricos: a *stoa* grega, o teatro romano, o castelo medieval, a igreja cristã e a torre campanário. Também nesta composição está incluído um antigo prédio, que deveria abrigar as instalações deste novo Centro. Para atenuar a variedade morfológica apresentada em planta, Stirling imprime uma uniformidade maior no tratamento das fachadas, que apresentam a mesma modulação e tratamento cromático.

Através destes recursos, Stirling materializa não só a cidade de *collage* de Rowe, através dos variados fragmentos de utopia que este sugere, como também pratica o “urbanismo em miniatura”, ou a “utopia em miniatura” defendidos pelos irmãos Krier. A tentativa de Stirling de criar um microcosmos urbano dentro de uma Berlim devastada, contrasta diretamente com a sua vizinha *Nationalgalerie*. Em oposição ao “sólido construído” de Mies, o autor direciona este projeto para o “vazio não-construído”, para as tensões entre os sólidos e os espaços que estes conformam. Também poderia ser dito que este seu projeto, ainda que em escala muito reduzida, traduz o conceito de “cidade museu” aventado por Rowe, onde o desdenho pelo tempo é notório. No seu caso, apenas a significação local gerada é relevante, ainda que esta reflita apenas a imaginação pessoal de Stirling.¹⁷¹

* * *

A contribuição de Rowe para a IBA deve ser aqui entendida como mais um dos destacados eixos teóricos em que esta Exposição se moveu. Embora a solução do *collage* seja muitas vezes atribuídas ao próprio resultado físico da Exposição – um grande mostruário de obras arquitetônicas individuais – esta pode ser extrapolada a nível conceitual, representando também uma grande colisão de distintos pensamentos acerca da intervenção na cidade existente. Somado a este ponto, destaca-se a própria condição especial de Berlim, que como cidade dividida e fragmentada não só fisicamente, parece oferecer a Rowe mais alguns elementos sugestivos para seu jogo de contrastes. Neste caso, torna-se mais fácil entender a assimilação de exemplos aparentemente tão contraditórios que compõem o seu ideal urbano. A decantação de distintos modelos sob a estrita ótica de seu formalismo analítico talvez seja o fato que melhor explique a sua autoria de introduções em livros tão distintos como *Five Architects* e *Urban Space*, e seu apreço, ainda que contido, pelas idéias de Leon Krier ao mesmo tempo que se fascina por *La Tourette*.

¹⁷¹ Neste ponto, mais uma vez Rowe vem redimir as possíveis conotações híbridas e gestos gratuitos deste projeto, afirmando que neste, Stirling reproduz os admiráveis jogos compositivos que somente Schinckel havia ousado realizar em Berlim. Cfr. *Ibid*, 1984.